



O GLOBO | Quinta-feira 14.3.2019

BOA VIAGEM

oglobo.com.br



FLORESTA É COISA PRA SE GUARDAR

Em depoimento exclusivo, Milton Nascimento fala de sua paixão (e suas expedições) pela Amazônia

pressreader

PRINTED AND DISTRIBUTED BY PRESSREADER
PressReader.com | 604 278 4604
© 2019 PRESSREADER INC. ALL RIGHTS RESERVED

Com a palavra, Milton

MARCELO BALBIO
balbio@oglobo.com.br

Pode ser aquela velha canção. Pode ser aquela nova canção. Muitas são as músicas cantadas por Milton Nascimento que remetem a viagem, trânsito, passagem. Outras tantas falam de defesa do meio ambiente, de respeito à natureza, de amor aos seres vivos. Em prosa ou verso, é comovente ouvi-lo tocar nesses temas. Daí nossa emoção ao publicar um texto de sua autoria sobre suas andanças pela



CAPA Milton Nascimento no Rio Negro: cantor fez cruzeiro de oito dias, partindo do município de Novo Airão. Foto de João Couto/divulgação

Floresta Amazônica, sobre a defesa que faz deste patrimônio brasileiro, sobre o contato respeitoso com índios. Se suas melodias nos fazem viajar, agora é a vez de um artigo nos transportar para o Rio Negro, a bordo de um navio que leva passageiros para um Brasil que dá gosto de ver. Senhoras e senhores, com vocês, a partir da página 8, Milton Nascimento.



KARIM SAHIB/AFP



DIVULGAÇÃO

NA WEB **HARRY POTTER:** Veja como será a nova montanha-russa do Universal Orlando Resort em oglobo.com.br/boa-viagem

P4 **TODA A BELEZA DE UM CAMPING DE LUXO EM DUBAI**

P6 **COMO FICAR LIMPINHO (OU QUASE) EM VIAGEM LONGA**

P8 **NA AMAZÔNIA, NA COLA DE MILTON NASCIMENTO**

P14 **SEIS MOSTRAS QUE VALEM A VISITA A SÃO FRANCISCO**



oglobo.com.br/boa-viagem facebook.com/BoaViagemOGlobo twitter.com/BoaViagemOGlobo [instagram: @boaviagemoglobo](https://instagram.com/boaviagemoglobo)

Editor Marcelo Balbio (balbio@oglobo.com.br). **Repórteres** Eduardo Maia (eduardo.maia@oglobo.com.br) e Carolina Mazzi (carolina.mazzi@oglobo.com.br). **Diagramadora** Fernanda Rossi (fernanda.rossi@oglobo.com.br). **Redação** 2534-5000 boaviagem@oglobo.com.br. **Publicidade** 2534-4310 publicidade@oglobo.com.br. **Correspondência** Rua Marquês de Pombal 25, 4º andar, Rio de Janeiro, CEP 20.230-240/RJ.



Minha primeira viagem ao coração da Floresta Amazônica aconteceu em 1982. Foi durante as filmagens de “Fitzcarraldo”, do diretor Werner Herzog, em que apareço numa cena gravada no magnífico Teatro Amazonas junto com Claudia Cardinale e Klaus Kinski. Alguns anos depois, em setembro de 1989, fui pela segunda vez. Viajei com uma expedição que contou com a atenciosa pesquisa do antropólogo Beto Ricardo, do Instituto Socioambiental (ISA), e que percorreu o Rio Juruá a partir do município de Cruzeiro do Sul, no estado do Acre, até a fronteira com o Peru.

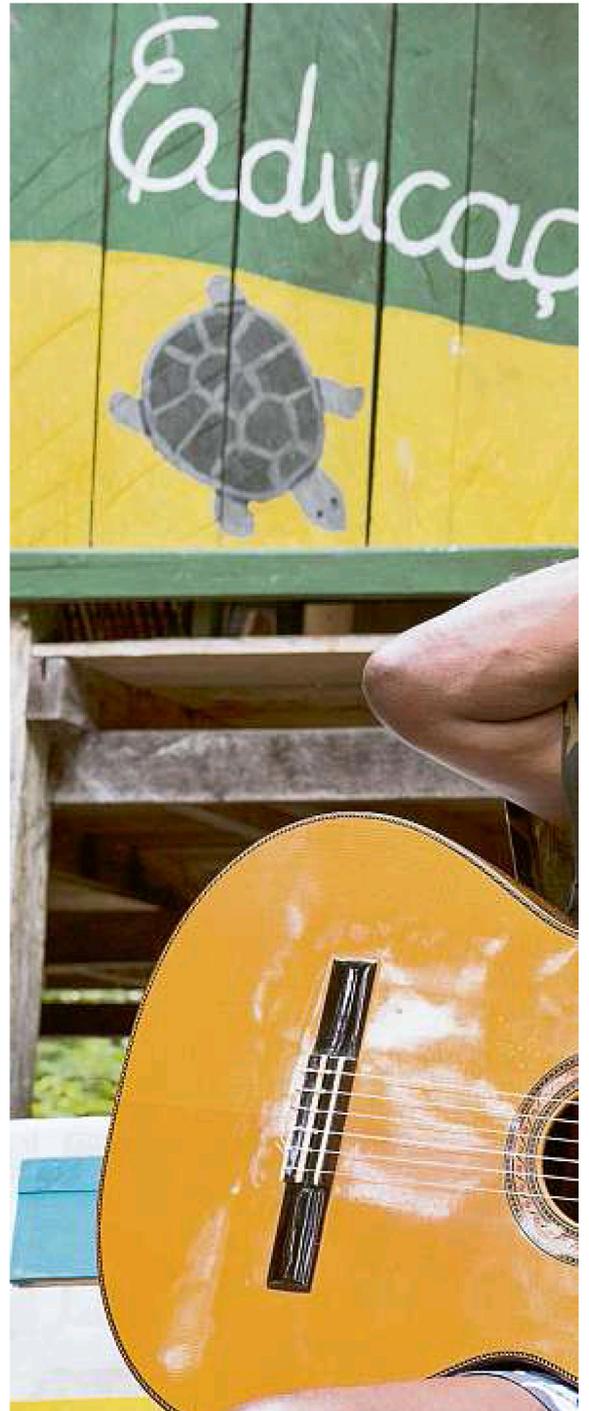
O trajeto todo durou 18 dias de barco, e as inúmeras horas de conversas e trocas de experiências com ribeirinhos e indígenas foram fundamentais para o que culminou na gravação do disco “Txai”, lançado em 1990. Esta palavra tem um significado muito importante para mim, por isso tomamos a decisão de batizar o disco com ela. Numa tradução literal, quer dizer: “Mais que amigo/ mais que irmão, a meta-

de de mim que existe em você/ e a metade de você que habita em mim.” O termo *txai*, palavra original da linguagem dos índios Kaxinawá, é usado tradicionalmente como uma forma de cumprimento/saudação para demonstrar carinho e respeito entre os homens: “Companheiro, a outra metade de mim.” Para as mulheres, é usada uma palavra similar, algo como *txai-ta*.

O álbum “Txai” é parte de uma campanha mundial de apoio à Aliança dos Povos da Floresta sob orientação da União das Nações Indígenas. E esta parceria nunca mais se desfez. Mas devo confessar que, com as viagens, as turnês e as muitas gravações que me ocuparam o tempo durante todos esses últimos anos, me distanciei fisicamente da Floresta Amazônica. Digo fisicamente porque minha cabeça sempre esteve lá. A “distância” durou até fevereiro de 2018, quando fui convidado por um amigo, o ator Daniel de Oliveira, para conhecer o hotel Mirante do Gavião, localizado no município de Novo Airão (AM), às margens do Rio Negro, ponto de partida da Expedição Katerre.

Certas coisas.

Milton Nascimento na Escola Vivamazônia: cantor fez cruzeiro pelo Rio Negro



UMA TRAVESSIA E TANTO

MILTON NASCIMENTO boaviagem@oglobo.com.br
Especial para O GLOBO

JOÃO COITO/DIVULGAÇÃO





O Rio Negro como testemunha

Milton Nascimento descreve a emoção de entrar no coração da floresta



JOÃO COUTO/DIVULGAÇÃO



Bailes da vida. Milton Nascimento com índios na Amazônia: "Uma das maiores experiências da minha vida", diz ele

Desde 1989, nunca mais tinha feito nenhuma incursão à Floresta Amazônica. E o Daniel não somente me levou para dentro da Amazônia novamente como também me apresentou Ruy Tone, um dos responsáveis pela Expedição Katerre, com a qual já tive a oportunidade de fazer duas viagens para dentro do Rio Negro e de seus afluentes a bordo do barco Jacaré-Açu. A última delas aconteceu há poucos meses, e foi a mais longa. Passamos oito dias embarcados no Jacaré-Açu, sob a liderança do capitão Tito, um dos maiores especialistas em navegação pelo Rio Negro.

O município de Novo Airão, de onde partimos com o Jacaré-Açu, tem 17 mil habitantes, e está localizado a quase 200 quilômetros de Manaus, onde se encontra o Parque Nacional de Anavilhanas, uma área federal de proteção considerado um dos maiores arquipélagos do mundo, formado por mais de 400 ilhas, além de lagos, afluentes e igarapés. E foi exatamente dessa fauna e flora tão específicas que tomamos conhecimento durante nossa viagem a bordo da Expedição Katerre. Sem esse suporte como guia, jamais teria tido a chance de conhecer essa face da Ama-

zônia. Sem dúvida, uma das maiores experiências da minha vida.

Além do conhecimento natural do ambiente, outra experiência marcante que passei a bordo do Jacaré-Açu foi quando chegamos à região do médio Rio Jauaperi, um importante afluente do Rio Negro, logo abaixo do Rio Branco. Lá, conhecemos a Escola Vivamazônia, na comunidade Gaspar, no Rio Jauaperi. São crianças entre 6 e 14 anos que, diariamente, frequentam as aulas ministradas por Bianca, uma professora italiana que há mais de 25 anos se dedica à alfabetização e à educação formal de crianças do Jaua-

Caminhos cruzados. Turistas na direção do barco Jacaré-Açu: cantor passou oito dias embarcado

peri, e por seu marido, o escocês Paul Clark, com o auxílio do filho Ian, de 14, também aluno da escola, canoieiro, exímio pescador e já um profundo conhecedor da floresta.

Minha emoção com o projeto de Paul e Bianca foi tão grande que disse ao meu filho, Augusto, que gostaria de fazer um show na escola, apenas para os alunos e professores. Foi minha forma de contribuir e mostrar minha eterna gratidão por este projeto tão importante. Além da escola, Paul, Bianca, Ian e os alunos mantêm um projeto de preservação de praias para a reprodução de quelônios, umas das 16



espécies conhecidas de tartaruga. E para monitorar diariamente as quatro praias mais ameaçadas, a Escola Vivamazônia recebe uma ajuda especial da Associação de Artesãos do Rio Jauaperi (AARJ), cujo presidente, Francisco Paredes, tive o privilégio de conhecer pessoalmente. Juntos, visitamos as praias onde acontece a desova dos quelônios. Numa delas, deixamos o Jacaré-Açu às cinco da manhã e subimos o rio numa voadeira para acompanhar de perto o empenho da escola Vivamazônia para diminuir o índice absurdo do tráfico de animas na região.

Essas duas últimas expe-

dições que fiz pelo Rio Negro me colocaram mais uma vez diante de uma questão crucial: a urgente preservação da Floresta Amazônica. Na história do Brasil, tivemos grandes defensores de nossas florestas, e não apenas da parte amazônica. E hoje, mais do que nunca, não podemos fechar os olhos diante do legado de Chico Mendes, Dorothy Stang, Dom Pedro Casaldáliga, Marcos Veron, Marçal “Tupã’i” de Sousa e Davi Kopenawa.

Durante muito tempo, dizia-se que a Amazônia era o pulmão do mundo. Nesse ponto, concordo e digo mais, já citando o pes-

quisador João Meirelles Filho: “O bioma Amazônia seria como um ar-condicionado do planeta. A floresta é uma esponja que absorve água vinda do Oceano Atlântico e a mantém no ambiente. O desmatamento altera o ciclo da água. Nos últimos 40 anos, o desmatamento destruiu 76,2 milhões de hectares, equivalente a toda a região Sul e a maior parte do estado de São Paulo.”

O arquipélago de Anavilhanas é das coisas mais sensacionais que pude ter a chance de conhecer. Durante toda a viagem, é possível observar algumas espécies raras na bacia do Rio Negro, como jaburus, ara-

ras vermelhas e macacos cuxiús, que são normalmente avistadas na área percorrida pelo Jacaré-Açu. Por isso, a importância de projetos como a Expedição Katerre, que proporciona uma forma de turismo sustentável como alternativa de renda às populações tradicionais, cujo acúmulo de capital acontece pela exploração não controlada da natureza.

A situação é crítica e requer urgência. Sendo assim, faço questão de chamar a atenção de todos para a necessidade extrema de que cada um de nós se torne um defensor deste que é o maior patrimônio brasileiro.

SERVIÇO

Expedição Katerre Ecoturismo. A sede fica em Novo Airão, a 200 quilômetros de Manaus, de onde saem as embarcações. Os roteiros de três noites, com transfer e refeição (com bebida), custam a partir de R\$ 3.850, por pessoa, e percorrem Anavilhanas. Os roteiros de sete noites com transfer e refeição (com bebida) saem a partir de R\$ 7.610, por pessoa, e sobem o Rio Negro até o Rio Jauaperi, na divisa com Roraima. katerre.com

Hotel Mirante do Gavião. Diárias, com pensão completa e transfer, a partir de R\$ 2.829, por casal. mirantedogaviao.com.br



FOTOS DE DIVULGAÇÃO

1

Uma biografia escrita nas esquinas do Brasil

Cantor nasceu no Rio, mas foi em Minas que se criou e virou ídolo

CAROLINA MAZZI
carolina.mazzi@oglobo.com.br

“**S**air desta cidade ter a vida onde ela é/ Subir novas montanhas diamantes procurar/ No fim da estrada e da poeira/ Um rio com seus frutos me alimentar!”. A letra é da canção “Saídas e bandeiras” e exemplifica o que viajar significa na vida e na obra de Milton Nascimento, segundo o antropólogo Paulo Thiago de Mello, autor do livro “Clube da Esquina: Milton Nascimento e Lô Borges”:

—Entre o interior e a cidade, o urbano e o rural. A ideia de viagem, na obra

na vida de Milton, é desse encontro, que também acontece na subjetividade, de ver a diferença, ter essa descoberta. Por isso, o tema está tão presente na sua obra. Suas viagens são mesmo em busca de conhecer esse Brasil primitivo, tanto físico como abstrato.

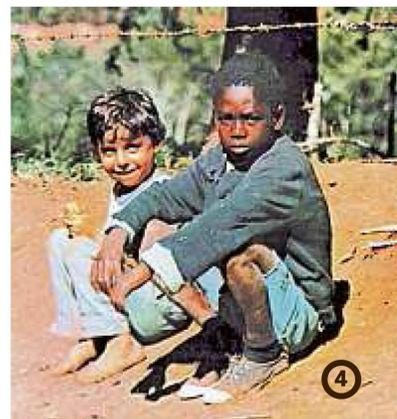
“Saídas e bandeiras” é parte do icônico “Clube da Esquina”, lançado em parceria com Lô Borges, em 1972, e que é recheado de referências deste “sair do lugar e de si”, diz Paulo Thiago. Diversas outras canções do álbum têm essa temática, como “Cais”, “O trem azul” e “Paisa-

gem da janela”:

—Quase que o álbum inteiro está ligado nessa ideia do deslocamento, do geográfico, do artístico, do cultural e do abstrato.

Mas a foto...

A foto de dois meninos num chão de terra batida que ilustra a capa do disco se tornou símbolo do movimento musical mineiro, que surgiu no boêmio bairro de Santa Tereza, em Belo Horizonte. Apesar de conectada à música de Minas Gerais, a imagem foi registrada, na verdade, em Nova Friburgo



4

1. Bar do Museu Clube da Esquina, em Belo Horizonte
2. Sala na Bituca — Universidade de Música Popular, em Barbacena
3. Centro cultural em Três Pontas.
4. Capa de “Clube da Esquina”

(RJ), pelo fotógrafo pernambucano Cafi (1950-2019). Na época, os pais de Milton moravam perto da cidade fluminense.

Terra (quase) natal

Milton Nascimento é símbolo de Minas Gerais, mas o artista, na verdade, nasceu no Rio de Janeiro. Ele foi adotado por um casal e,

MARCO AURÉLIO PRATES/DIVULGAÇÃO



ainda criança, foi morar em Três Pontas, no sul de Minas. Foi lá que ganhou o apelido de Bituca.

Atualmente, há na cidade o Centro Cultural Milton Nascimento, onde são realizados espetáculos de música, dança e teatro. Lá são ministrados oficinas e cursos para crianças e adultos da comunidade local. Também é possível conhecer a casa onde o artis-

ta morou na cidade.

É um carro...

“Se já nem sei o meu nome/ Se eu já não sei parar/ Viajar é mais, eu vejo mais/ A rua, luz, estrada, pó/ O jipe amarelou/ Manuel, o audaz/ Vamos lá viajar!”. Você já cantou a música “Manuel, o audaz”, mas provavelmente não sabe o peso

que Manuel tem na biografia do Clube da Esquina. O nome é, na verdade, de um jipe, usado pelo grupo para viajar principalmente pelo interior de Minas Gerais. A canção é de autoria da dupla Fernando Brandt e Toninho Horta, que fez parte do movimento e tem outras composições no álbum.

Juscelino

Numa dessas viagens, mais especificamente entre Lumiar, distrito de Nova Friburgo, até Ouro Preto, o grupo encontrou Juscelino Kubitschek em Diamantina. É a terra natal do ex-presidente, que ouviu Bituca cantar, na praça principal da cidade, em 1971.

Beco do Mota

“Na porta do beco esta- mos/ Procissão deserta,

deserta/ Nas portas da ar- quidiocese desse meu país/ Diamantina é o Beco do Mota/ Minas é o Beco do Mota/ Brasil é o Beco do Mota/ Viva o meu país!”. Além de palco do encontro com o presi- dente, a histórica cidade de Diamantina também foi inspiração para a can- ção “Beco do Mota”, de Milton em parceria com Fernando Brandt.

Desde o interior...

A imagem de Milton vive pelo interior de Minas. Em Barbacena, na Serra da Mantiqueira, fica a Bituca — Universidade de Música Popular, criada em homenagem ao artista. A escola gratuita oferece cursos técnicos de música e de diversos instrumentos. A instituição fica num prédio típico das cidades históricas do estado, do século XIX, e tem paisagismo feito pelo Instituto Inhotim. Milton é padrinho da escola e apoiou o projeto, que foi realiza- do pelo grupo Ponto de Partida.

Também na capital

“Barulho de trem, parte de um cá/ Chegando um expresso, vem de lá/ E pa- ra completar o original/ Há sempre a despedida

fatal/ Abraço normal, fe- liz de mim/ Não venho despedir de ninguém/ Feliz de mim/ Sou livre desse tal vai e vem!”. A canção “Barulho de trem” foi a primeira gra- vada por Milton. Foi em Belo Horizonte, em 1961. Já fazia alusão ao deslocamento para o in- terior do país, embora, neste caso, o artista se co- loque como espectador. As suas “viagens” com- çariam, de fato, na esqui- na simbólica das ruas Di- vinópolis e Paraisópolis, no bairro Santa Tereza, onde os músicos se en- contravam na década de 1960 e onde, mais tarde, fundaram o clube.

Sobre a capital minei- ra, Milton e Lô Borges es- creveram a música “Os povos”, que conta a histó- ria de exploração da cida- de e do estado: “Na beira do mundo/ Portão de fe- rro, aldeia morta, multi- dão/ Meu povo, meu po- vo/ Eh, minha cidade/ Al- deia morta, anel de ouro, meu amor/ Na beira da vida/ A gente torna a se encontrar!”.

No mesmo bairro onde o clube foi fundado, funcio- na hoje o Bar do Museu Clube da Esquina, que ho- menageia o movimento musical mineiro. Além de exibir um acervo históri- co, oferece passeio guiado pelas ruas vizinhas. E, tem, claro, uma programa- ção musical intensa.

São Lourenço-Sul de Minas
hotelbrasil.com.br
Ao lado do Parque das Águas
Grupos: Preços Promocionais
Feliz Idade-Reunião de Família
Ex-Fermandas! Encontro Religioso
(35) 3332-5155 / 0800(35)1313
☎ (35) 99766-2550

São Lourenço-Sul de Minas
hotelnegreiros.com.br
Conforto-Tranquilidade-Bem-Estar
Perto de Tudo-Consulte-nos!
Grupos: Preços Promocionais
(35) 3332-4500/0800-703-9494
☎ (35)99983-4500